



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 18 de Junho de 1977 * Ano XXXIV — N.º 868 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CONFIANÇA NO FUTURO

A todos os Amigos e Leitores queremos comunicar que, por decisão unânime dos Padres da Obra da Rua, assumiram colegialmente as suas responsabilidades primeiras, os três Sacerdotes mais antigos que nela servem: Padres Horácio, Carlos e Baptista, contemporâneos de Pai Américo; o segundo, por delegação dos restantes dois, e atendendo ao facto de ser simultaneamente o Chefe da Família de Paço de Sousa, onde O GAIATO é composto e impresso, toma também o encargo do Jornal. Entretanto, enquanto Deus o permitir, voltamos a ser o padre da Casa do Gaiato de Lisboa.

Ao participarmos os reajustamentos acima enunciados, não queremos deixar de assinalar a nossa confiança no futuro, dando como actuais as palavras aqui escritas há cerca de dois anos: «Fiéis ao espírito de Pai Américo, quer dizer que ao Evangelho, à Igreja e aos Pobres, numa caminhada que antevemos sem termo neste mundo. Atentos à Voz da Hierarquia e aos clamores dos mais esquecidos ou vítimas dos desvarios dos homens, mormente das Crianças e dos Doentes abandonados ou em situações equivalentes, dos Desabrigados ou alvo das injustiças, sem auto-suficiência mas ciosos da nossa independência, repelindo a demagogia fácil ou atitudes menos evangélicas, querendo a todos e a todos respeitando... Vamos continuar a tarefa apaixonante de amar...» (cf. n.º 809).

Padre Luiz

DOCTRINA

Não é apenas a força do grande coro universal dos que rezam o Ofício. É a mensagem que o Senhor tem para comunicar em cada dia. A Sua Palavra ninguém a esgota. E nem por ser a mesma, ela monotoniza o pensamento. O Espírito dá a cada um a luz que Ele quer dar a cada. E a mesma palavra motiva um feixe de sugestões que, em primeiro plano, parece disperso; e depois faz convergir a todos que a recebem em uma idêntica fome de Vida.

Hoje foi a carta de Santo Inácio de Antioquia aos Romanos. É um cântico ao martírio. Uma ânsia incontível de esconder a vida com Cristo em Deus, de tal modo que, parecendo a olhos superficiais ter morrido, é aí que atinge a plenitude e a verdadeira eficácia da vida. Se para alcançar tal objectivo é necessário ser moído pelos dentes das feras, «trigo de Deus eu sou — se afirma o Santo — para me tornar puro pão de Cristo».

E por isso escreve a todas as Igrejas e a todos manda que, desejando morrer por Deus, ninguém o impeça: «Rogo que me não prestéis uma intempestiva benevolência. Deixai-me ser alimento das feras,

pelas quais posso abraçar Deus».

Esta disposição ao martírio, a que Santo Inácio chama o «firme» sobre que quer alicerçar a sua vida, é também a garantia da sua missão de bispo, que aliás ele nem invoca superior à de cristão. «Pedi para mim forças interiores e externas para que não apenas fale, mas queira; para que não seja só chamado cristão, mas achado que o sou».

A preocupação do ser sobre o agir. A sábia hierarquia dos santos! Ser. O aparecer importa menos. O melhor de tu-

do é esconder a vida com Cristo em Deus. Este é o segredo da fecundidade, como o da pequenina semente que, caída à terra, se não morrer, não produz nova vida.

Esta vontade do martírio, esta linguagem que a exprime não cabe facilmente nos ouvidos, menos ainda no coração dos homens. É um discurso chocante para que não estão preparados os cidadãos de uma sociedade de consumo, forma recente de uma visão epicurista da vida no mundo, que

Cont. na 3.ª pág.

Património dos Pobres

Pelas aflições que nos chegam melhor vamos, dando conta das carências de habitação. Passando pelas ruas e estradas de Portugal, nós encontramos um movimento relativamente bom de obras em construção, especialmente de obras em reconstrução.

Mas sabemos que a família portuguesa aumentou em avulso neste últimos dois anos e a construção não foi capaz de acompanhar este aumento.

Sabemos da ansiedade com que hoje se procura casa para habitação. Sabemos da inquietação de muitos que lutam heróicamente para construir ou renovar a sua casinha. Há uma procura de bem.

Se tantos portugueses que gastam mal, ou que vivem luxuosamente instalados, quisessem estar atentos a estes Irmãos que lutam e alguns lutam desesperadamente!... E quisessem segurar seus dinheiros de que não precisam e os depositassem neste fundo maravilhoso que tem sido o Património dos Pobres!...

E se tantos portugueses capazes de renúncia, com a alma aberta às necessidades dos Irmãos, quisessem poupar e distribuir!... E outros quisessem repartir mais fraternalmente!... Nós poderíamos abrir mais as mãos e acudir mais a tempo.

Veio um pequenito chamar-me para ir ali a uma senhora. Deixei os semeadores de abóboras e fui atender. Era uma mulher ainda nova e trazia pela mão uma pequenita. Disse donde era e quem a cá mandou. Veio de comboio. Trazia para me contar todas as amarguras de mãe que é, com sete filhos pequenos e o marido muito doente do estômago e desempregado.

Continua na TERCEIRA página



Os «Batatinhas» ocupados na lenha — lá está «Capitão», o chefe — páram e saúdam os nossos leitores.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CONVÍVIO — No passado domingo, 28 de Maio, recebemos cá em Casa várias pessoas amigas de Miragaia (Porto), que vieram passar um domingo alegre e divertido com todos nós; não todos, mas pelo menos alguns.

Logo de manhã houve Missa na nossa Capela, celebrada pelo P.e Abel. Em seguida, visitaram a nossa Aldeia e arranjaram logo companheiros.

De tarde houve um pequeno convívio no qual participaram pequenos e grandes; todos conviveram e passaram uma tarde bem agradável.

Por volta das sete horas foi a «partida para Alfaias», da qual quase ninguém gostou, nós e eles! Enfim, mais um domingo de convívio!

APROVEITAMENTO ESCOLAR

Estamos quase no fim do ano lectivo.

Para os estudantes nocturnos do Liceu a coisa vai menos mal, além de haver as preocupações com os pontos, ir à noite, etc.

Quanto à Telescola todos parecem estar satisfeitos. As notas talvez sejam satisfatórias para a grande maioria. Os exames, agora, são feitos com uma prova optativa e, assim, maior dificuldade para os estudantes do 2.º ano.

Boa sorte!

OBRAS — As obras na casa 4 continuam aceleradas. As férias estão à porta e é preciso dar adiantamento à coisa por via dos rapazes e trolhas que irão para férias.

Um dia destes fui lá e vi que a coisa não está nada má. Perguntei a um dos nossos carpinteiros como iria ficar a moradia. Pela resposta, garanto que ficará operacional.

Enquanto esta casa anda em obras, outras aguardam vez, cheias de buracos!

DESPORTO — Já não é a primeira vez que vos falamos de bolas, ou melhor, são precisas bolas!

O nosso Grupo Desportivo continua a vencer. Ainda no dia 5 derrotou o G. D. Silva Porto por 3-2. Isto tem sido quase todos os domingos!

Para se manterem assim precisam de bolas em condições, porque quando o adversário traz bola, a coisa vai menos mal, fora disso é um problema.

Eu pensei, e talvez resulte, que os clubes que vêm cá jogar para taça, poderiam trazer uma bola e jogava-se para ela. Acho que é uma ideia a aproveitar.

Também estamos falhos de equipamento. O único que temos não aguentará muito tempo!

O Grupo Desportivo agradece a boa colaboração e compreensão de todos aqueles que assim o quiserem fazer.

Pedimos bolas e não vieram. Ora bolas!

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — Comemorou-se no dia 1 deste mês o Dia Mundial da Criança.

Todos os anos a Criança tem o seu dia, rodeada de mimos, brinquedos, etc.

Todos os anos, também a Rádio fala nessa festa com assiduidade e procura fazer uma grande cobertura do acontecimento, junto de Crianças que, nessa maré, se sentem felizes... Ainda bem que a Rádio não esquece as Crianças nem os programas adequados à sua idade!

Não falando só da Rádio mas, também, da Televisão. Todos os dias transmitem um programa infantil, por volta das sete horas da tarde. Não deixando de salientar o êxito que foi a «Heidy» e o presente êxito de «Marco». Isto para as Crianças é um consolo!

Que vão continuando assim, os Meios de Comunicação Social; e não esqueçam de que a Criança tem, também, direito de ver e ouvir coisas próprias para a sua idade!

«**RIERA**» — Tem 14 anos. É um rapaz esperto que anda no primeiro ano da Telescola. Não é dos melhores alunos, mas nem por isso é dos piores.

Por vezes é chamado a dar ajuda na expedição do jornal que depois vai para os leitores.

As quartas-feiras vai fazer limpeza ao bar, que geralmente é frequentado pelos mais velhos. Tem havido muito poucas queixas de ele ter mexido nisto ou naquilo. São tentações!

Quando alegre, é vê-lo a jogar futebol; e, na mesa, à refeição, só está bem a discutir com o Cipriano de que o Espinho é que é o melhor clube.

Está certo, cada um «puxa a brasa para a sua sardinha», mas o que não vale é andar a dar «sardinhas» na cara dos outros por causa da discussão!

É também vendedor do Jornal em Espinho; e, ao que parece, ele desentrasca-se bem.

Diz que vai fazer os possíveis para passar ao segundo ano da Telescola. Ainda bem. E boa sorte «Riera».

«*Marcelino*»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É uma mulher envelhecida, tipicamente lavradeira. No traje negro, dos pés à cabeça, descobre-se logo a vividez. Em nossos olhos ficam presas as velhas argolas d'ouro — desaparecem na voragem do tempo! — que balanceiam nas orelhas rugosas.

O complexo d'amargura que lhe vai na alma provoca lágrimas sem conta. O alívio dos Pobres!

— Estava em casa do meu filho. Sou viúva...

— Quantos filhos tem?

— Um, prós lados do Porto. Outro era aquele onde eu estava...

— Porque o deixou?!

— A minha nora zangou-se por ter castigado o meu neto.

— Agora, onde mora?

— Em casa de F., minha amiga, a quem V. trataram da reforma.

— Quanto lhe dá?

— Mais lágrimas. Comoção. Sossega-me a pobre mulher.

— Dou-lhe a minha reforma: 600\$

da Casa do Povo. É pouco!...

— A vida está cara...

— Podem dar-me alguma cousinha mais pró meu sustento?

— Qual era o modo de vida do seu homem?...

— Era da *laboira*. Foi da *laboira* até-ò fim.

Um problema da Terceira Idade! E não só... Vamos procurar deitar a mão, na medida das nossas possibilidades morais e materiais.

Entretanto, não queremos deixar de sublinhar o gesto heróico de quem se dispôs a dar guarida à pobre Viúva.

A Caridade não é letra morta!

PARTILHA — O S. O. S. do nosso tesoureiro teve uma audição significativa! Ora ouçam:

«*Ao ler que o vosso tesoureiro é um chaga e lhes recomenda cuidados por causa do saldo estar nas lonas, junto lhes remeto em cheque — porque o prémio da emissão de vales postais é caro — um pouco de borraça para a recauchutagem, agradecendo-lhe, como de costume, que omitta o meu nome.*

Peço-lhes, porém, para dizerem em O GAIATO que receberam 500\$00 por alma de D. Laura. E eu explico porquê: esta senhora, minha sogra, faleceu; toda a gente lhe mandou flores. Eu, porém, dentro dum princípio que comecei a seguir, em vez de o fazer, resolvi que o dinheiro a empregar nas flores seria para os Pobres, que, nas suas orações, sempre se hão-de lembrar dos que delas precisam.»

Cristão igual a boa disposição. Cristão igual a sinal de contradição!

Mais 20\$00 dos Amigos de D. António Barroso. Sempre na brecha! Mais uma simpática remessa do Alentejo, concretamente de Estremoz. Mais 500\$00 de Fátima, pela mão de «Amiga dedicada» e «anónima». O mesmo do assinante 23618, de Lisboa. Por intermédio da Casa do Gaíato de Lisboa, 120\$00 da assinante

29874, de Algueirão. Mais 300\$00 da assinante 17022, relativos aos meses de Março a Maio que «não enviei na devida altura». Copacabana, Brasil, 2.000\$00 «para as necessidades da Conferência». Pelo Espelho da Moda, 500\$00 da assinante 13519; um sobrescrito com 100\$00, de Mary; outro de Vasco com 1.000\$00; e outro, também de 1.000\$00, de um anónimo.

Mais 100\$00 de Braga, em vale do correio. O dobro da rua Rodrigues Cabralho, Lisboa. De novo a capital com 20\$00, «por alma de meus Pais». A. F., 210\$00 e mais 210\$00 «por alma de minha Tia».

Outra vez Lisboa com 100\$00 da rua Pascoal de Melo. E 50\$00 de uma grande Amiga de Torres Vedras, cujas notas até sangram!

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

BIBLIOTECA — Estava em falta, neste sector, com muitos dos nossos Amigos que corresponderam ao meu pedido de livros para a nossa biblioteca. Para todos os que nos fizeram oferta de alguns volumes estamos muito gratos. Não agradecemos a ninguém individualmente, pois seria difícil... Não, não é pela quantidade, pois não deve exceder duas centenas os volumes oferecidos e como muitas das encomendas traziam muitos, não seria grande a quantidade de cartas a enviar. «Então, porque é?» — perguntareis. E eu, um pouco embaraçado, responderei: — É que não tenho jeito para isso.

Pois bem, amigos, as estantes da nossa biblioteca continuam bastante nuas e eu sei de muitas pessoas que fizeram o propósito de nos oferecer pelo menos um volume. Com todas essas «boas vontades» já estariam as estantes abarrotadas, mas... elas precisam é de livros!

«*Lita*»

VISITANTES

Nos últimos dias — já referiu o cronista — aproveitando o sol de Maio e o fim do ano lectivo, recebemos a visita de muitas excursões estudantis, pela mão dos Professores.

Não somos de estatísticas, mas a nossa Aldeia de Paço de Sousa acolheu — com muita alegria — o bulcício, o interesse, a amizade de milhares de Crianças do norte do País!

Não vêm fazer turismo. São visitas orientadas pelos próprios mestres-escola. Alguns, poucos, algo aflitos por carências de conhecimento da Obra da Rua, quase exigem que os mais velhos da Comunidade expliquem, à pressão, a vida e a história da nossa Obra!

— Precisamos de conhecer a vossa Casa. Ande, explique!

Com licença presumida dos nossos cicerones, motivámos alguns mestres-escola para de-

terminados livros de Pai Américo; os quais, durante o ano, poderão ser tema d'aulas proveitosas — seguindo a pista daquela Professora d'algures, que faz assim.

— V. têm livros?!...
— Temos o «Isto é a Casa do Gaíato», «Obra da Rua», «Barredo», «Doutrina»...

Documentados, seguem felizes. E com mais possibilidades de intercâmbio permanente.

Interessante sublinhar a ânsia incontida das Crianças pelo O GAIATO! Esgotámos as sobras dos últimos números. Não falando, já, de quem prefere a última edição do jornal ou, até mesmo, a que sai do prelo. Isto gera naturalmente uma roda viva — para evitarmos assaltos!

E os ricos diálogos entre cicerones e visitantes pequeninos, da mesma idade?! Estamos

AGRICULTURA — Também aqui há muito que não dou a minha enxadada. É mesmo verdade. Ainda há pouquinho me perguntaram se não queria ir sáchar. Desculpei-me como pude e estou agarrado à esferográfica. Também é trabalho, mas um pouco mais leve. Vou, portanto, dar-vos uma visão da lavoura que é feita pelos rapazes.

São muitos os trabalhos agrícolas nesta altura do ano. Ainda o sol não tinha nascido e já um grupo, que não acordou com os pardais mas com o despertador, andava de enxada na mão a semear feijão. Ainda há pouco era uma terra da fava rica mas agora as ricas estão muito bem ensacadas na arca frigorífica e hão-de alegrar lindos pratos *enquanto a ervilha não enche*. Até estou a adivinhar, leitor: iam ou não agora umas favinhas com chouriço?...

Os batatais são um encanto e mais ainda que temos agora um artista a sulfatar. É o «Barraio». Quando se lembra põe um pacote de sulfato para cem litros numa máquina que leva doze e depois saem umas pinturas de um azul excelente.

Já vamos em favas e batatas. Faltam a borra e as azeitonas e... quem adivinha?... Pois, pois, o vinhinho não pode faltar!

Quanto a borra, digo-vos apenas que até os carpinteiros deixam a «Profissão do Menino Jesus» para agarrarem numa enxada e toca a sáchar. Parece que este ano vai haver pouca azeitona, pois estas chuvas prolongadas do centro têm sido más para a escaruma das oliveiras.

Quanto a vinho não se assustem, porque se não houver muito, ainda temos um tonel cheio.

Como falei aí em chouriço apenas quero dizer que há esperança de podermos comer uns chouricinhos frescos dentro em pouco, pois as nossas porcas parece que finalmente nos vão dar a alegria da repovoação das nossas pocilgas, há muito despoçadas.

Júlio Mendes

POBRES

Entre os donativos e a correspondência recebida a propósito do que aqui relatámos sobre a senhora Carmo, uma, pela sua importância e interesse, merece ser transcrita com o devido relevo:

«Acabo de ler no jornal O GAIATO o seu artigo acerca da senhora Carmo.

Comove-me tudo quanto diz, mas principalmente o que mais me choca, é o facto de na Junta de Freguesia estarem pessoas sem capacidade e o discernimento necessário para resolverem assuntos como aqueles iguais aos da senhora Carmo.

Muito teria que dizer, mas gostaria de o fazer, frente a frente, com a pessoa ou pessoas da Junta que intervieram no assunto, para eles me dizerem em que disposição legal se basearam para levarem dinheiro pela passagem do atestado administrativo, relativo a uma pessoa considerada indigente. Estou mesmo a ver que lhe passaram o atestado em papel selado e, neste caso, a Junta recebe 20\$00 de emolumentos. Parece que se preocuparam apenas com a parte material da Junta sem se preocuparem com a miséria da senhora Carmo.

Pois devo dizer que todos os documentos para os efeitos indicados são absolutamente grátis:

— A certidão de nascimento, diz-se na Conservatória do Registo Civil que é para fins de assistência (grátis). O requerimento é feito em papel comum de 25 linhas (grátis). Os serviços onde os documentos são entregues têm até um impresso próprio que serve de requerimento.

— O atestado da Junta, como já disse é grátis, porque deve ser feito em papel comum. Para as pessoas que têm mais de 65 anos não precisa apresentar atestado médico, e se fosse preciso seria o médico municipal ou subdelegado de Saúde que o teria de passar gratuitamente. A Câmara paga precisamente para esses médicos assistirem os Pobres Indigentes, gratuitamente. Muita gente não sabe disto porque se não dá a divulgação que era necessário dar, para bem dos necessitados...

Conhecemos bem o subscritor da carta, a sua competência nestes assuntos, conhecimento profundo das leis e a sua experiência quotidiana em tratar de tais assuntos, pois

dedica aos Pobres, às crianças e à velhice um carinho especial e quase a totalidade dos seus tempos livres.

Por tudo isto, com toda a confiança, sugerimos aos nossos leitores, e duma maneira particular aos que lidam com os Pobres, a divulgação destes Direitos que a lei lhes dá e a exigirem, nas repartições a que tiverem de recorrer, o cumprimento destes Direitos. Se encontrarem algum funcionário — consciente ou inconscientemente — intolerante, façam uso deste O GAIATO para que fiquem elucidados e alterem a sua posição.

Ao nosso Amigo e amigo dos Pobres o nosso mui obrigado por tão importante ajuda.

Já agora digo que, para além do papel selado e dos selos que me forçaram a comprar — por desconhecer estes Direitos dos Pobres Indigentes — ainda tive de comprar na própria Junta um papel policopiado, a que chamaram requerimento, e me custou 2\$50. Mais: como não se encontrava afixada a norma com os termos próprios do requerimento, tive de recorrer a um senhor que, em banca montada na Junta, mas fora do balcão da secretaria, me escreveu os tais termos, indo buscar a uma gaveta a norma que devia estar fixada. É verdade que

não pediu remuneração pelo seu trabalho, mas via-se que ele vivia das gratificações que recebia por ajudar as pessoas naquelas coisas. Talvez até seja um reformado que precise deste sistema para fazer face às dificuldades da vida e que a sua parca reforma não satisfaz... Não sou, directamente, contra estes escriturários-extra, pois muito ajudam quem

não está ao par das burocracias e até os que não sabem ler e escrever. Parece-me, porém, que as Juntas é que deviam tornar estes extras em funcionários — mesmo muito úteis — para assim darem aos seus fregueses todas as facilidades, prestando-lhes um serviço que é de sua obrigação.

Padre Abraão

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA pág.

A casinha que é delas, não tem condições, nenhuma para a família e o telhado está a cair.

E disse que dizia a verdade e chorou por amor daquela verdade. À noite, o Pároco daquela freguesia telefonou a confirmar e a dizer que aquela família merece todo o carinho e ajuda que se lhes possa dar.

Pelas palavras, e pela atitude daquela mulher eu tinha acreditado na verdade.

Para esta Esposa e Mãe, nossa Irmã, e para outras que nos procurem, nós continuamos à espera da tua resposta para podermos responder também.

Padre Horácio

DOCTRINA

Cont. da 1.ª pág.

teima sempre em renascer, como as ervas ruins que ninguém semeia e constantemente ameaçam a fertilidade da seara que se fez.

Nem podemos supor, nem pretender que alguma vez tenha sido comum, ou algum dia o seja, a vocação ao martírio. Mas esta consciência do primado do ser é fundamental para um cristianismo autêntico, que não apenas de tradição ou de fachada. «Se em verdade for encontrado cristão, então sim, poderei ser chamado tal e serei capaz de fidelidade, mesmo que não apareça aos olhos do mundo.»

O Hagiológio está cheio desta lição vivida, desde os tempos Apostólicos a Martinho de Porres, a Teresinha de Lisieux, àquela Mulher (cujo nome não recordo) que, já neste século, se perdeu na lonjura da Ásia para de tal modo ser achada depois da morte que foi excepcionalmente breve o prazo da sua canonização.

«Não só ser chamado cristão, mas sê-lo» — eis a grande responsabilidade a assumir por quem quiser ser digno de tal nome. Sê-lo, sem cuidar de aparecê-lo, que disso Deus Se encarregará oportunamente. Como Jesus, cuja vida escondida foi a maior parte do tempo que passou no mundo — e nem por isso há outro Nome que signifique e seja Salvação.

Padre Carlos

Convívio

«De pequenino se torce o pepino.»

Aconteceu num destes últimos sábados que as alunas do Colégio de Vila Real vieram até nós com o fim de conhecerem a nossa Casa e conviverem com os nossos Rapazes. Quando da nossa Festa naquela cidade tinham tomado conhecimento e deste então era por estes lados esperada a sua visita com certa expectativa. No sábado chegou a ocasião.

Começaram por dar uma volta pelos lugares principais da Casa. Ao almoço distribuíram guloseimas e balões pelos nossos mais pequenos. Após aquela refeição, espontaneamente, começou um animado convívio. Grande roda com cantigas ao desafio: «Agora cantais vós, depois cantamos nós». A roda ia andando ao som de alegres cantigas. Também fui. A dada altura começo a reparar que alguns rapazes nossos que rondam os dez anos, estavam todos endormeados. Sapatos engraxados, meias bem esticadas, calções e camisas passadas a ferro e com a marrafa feita a preceito. Ora, sábado, depois do almoço, não é costume tal

aprumo. É o fim da semana antes do banho e na sua vida aqui na quinta não é costume estarem impecáveis, antes trazem marcas de quedas dadas no futebol e marcas da terra escura na sua roupa da semana. Estranhei pois a elegância e comecei a pensar. Passado algum tempo descobri. Ao sábado de manhã é distribuída roupa lavada para ser vestida depois do banho e que será usada na semana seguinte, mas é também distribuída a roupa do domingo que só deve ser vestida na manhã do dito dia. Mas eles, pequenos na idade e na estatura, quiseram fazer boa figura e «botar tinta». Foram à camarata, tiraram a roupa que traziam, forçaram o tempo e, endomingados, foram para a roda cantar.

A hora da partida fez-se cortejo até à camioneta e ali a despedida. Foi altura da roupa lavada voltar ao lugar e esperar pela sua hora. Tudo voltou à normalidade.

Digam lá que eu não tinha razão ao começar por dizer que: «De pequenino se torce o pepino!»

Padre Abel

RETALHOS DE VIDA

O «Azeitona»



Sou natural de Viana do Castelo, onde nasci a 7 de Junho de 1957.

Estive depois a viver em Santa Maria Maior, dos 5 aos 6 anos.

Estou na Casa do Gaiato há 12 anos. Vim para cá porque éramos cinco irmãos e minha mãe não nos podia sustentar; era pobre. A minha mãe chama-se Clementina, o meu pai Manuel e é fotógrafo em Viana do Castelo.

Os officios que eu fazia na Casa do Gaiato era a limpeza da casa dos pequeninos. Depois, dois anos a tratar os aviários e no campo. Agora, estou a trabalhar há dois anos na vacaria.

Tenho dois irmãos mais novos do que eu. Chamam-se eles Berta e Fernando. Tenho uma outra irmã, a Fatinha, e mais outro de que não me recordo o nome dele.

Tenho um primo, a viver na Casa do Gaiato, por alcunha o «Esticadinho». O nome inteiro é António da Costa Fernandes. Trabalha na cozinha porque é o seu officio preferido.

Pois eu, agora, quando for lá para fora, o meu serviço preferido é lavrador. Já estou habituado a isso.

Meus caros amigos leitores, recebam um grande abraço do vosso amigo

António Moreira («Azeitona»)

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

«Vamos construir uma casa, teremos de pedir dinheiro e acha-se por isso que devo limitar as dádivas. Lembrei que haveria ocasião de poupar, por exemplo, não contribuindo para as ditas festas em honra dos santos, cheias de foguetes, música, beberice e outras coisas mais, mas as opiniões não vêm para o meu lado neste campo, por respeito humanos, estou certa. Quando é que nós haveremos de saber pôr em ordem todas as coisas?! Desculpe este desabafó, mas custa tanto ver que os nossos não reconhecem o que deve ter prioridade na vida que, por vezes, se não choramos e dizemos a nossa preocupação a alguém que julgamos nos pode

compreender, ficamos doentes. Li um artigo que vinha em recente jornal sobre a necessidade de despertar as crianças para os graves problemas sociais através do vosso jornal e obras literárias do P.e Américo e fiquei convencida de que era uma boa preparação para as crianças. Assim, vou na minha Escola transmitir isso às minhas colegas que, estou certa, vão acolher bem a ideia e fazer alguma coisa junto das crianças ajudadas pelos testemunhos concretos que nos forneceis.»

Não é que o assunto da carta tenha directamente com o título desta local. Mas há uma certa afinidade, tanto mais

que a signatária é Professora Primária, portanto alguém que gasta a vida, como nós, com as primeiras idades.

Diz o velho adágio latino que, para contentar o Povo, se lhe dê pão e diversões. Enquanto assim se responde às necessidades fundamentais do homem-animal, se lhe alimenta a ilusão com o desvio de outras fomes não menos necessárias ao homem, ser espiritual que «não vive só de pão».

As celebrações do Dia Mundial da Criança, de que tive conhecimento, pareceram-me assim esvaziadas de valores que valha a pena cultivar.

De resto, creio que tal Dia menos se destina a entreter ou mesmo a acarinhar as Crianças do que a mentalizar os adultos para os graves deveres que se lhes impõem diante das gerações amanhã responsáveis pelo mundo.

De qualquer modo este Dia não é nada singularmente. O seu sentido depende de uma continuidade de atenção e de esforços que nunca serão demasiados para o que requer a Criança. Aproveitá-lo para lembrar ao adulto esta preocupação, embora insuficiente, é positivo. Mas não se vê como cresça para esta responsabilidade com programas tão superficiais que, aliás, também nada contribuem para o «crescimento» da Criança, se é ela, em primeiro plano, o alvo da festa.

Assim me parece pertinente transportar para as celebrações deste Dia, o que a nossa Lectora diz das festas populares — «foguetes, música, beberice e outras coisas mais»: «Quando é que nós haveremos

de pôr em ordem todas as coisas?!»

A ser primariamente para os adultos, para os consciencializar de quanto devem à Criança, como julgo que foi a intenção de quem lançou tal Dia, a jornada deveria ser muito séria: Começar por uma revisão de vida; prosseguir pela despoluição do ambiente que o mundo adulto produz, tão sujo, tão perturbado, tão perturbador; e estudar medidas e tomá-las, para prestar à Criança a satisfação dos seus direitos; e, sem forçar a sua natureza frágil, «despertá-la para

os grandes problemas sociais» cuja tomada crescente de conhecimento e de responsabilidade serão a medida da sua caminhada saudável e promissora de maturidade fecunda.

Nada festeiro por índole, pobre de imaginação para qualquer ideia festiva, não sei dizer mais ao concreto de sugestões para a celebração do Dia Mundial da Criança. Oxalá outros as tenham e as ensaem, para que valha a pena conservar a efeméride.

Padre Carlos

Cantinho dos Rapazes

Ontem, domingo, fizemos uma espécie de «plenário» com os rapazes que já têm 18 anos, incluindo os casados, e também as senhoras. Ocupou-nos toda a manhã e o fim da tarde até noite dentro.

A estação da Primavera que estamos a viver e que naturalmente é propícia a um certo desarrumo e a romaria das Festas em que temos andado, podem desarticular a nossa «desorganização organizada» e perdermos o rumo de que devemos ser uma família.

Todos haviam sido prevenidos. Sentámo-nos à volta da mesa na sala de leitura e pedimos a Deus a luz de Seu Espírito e pedimos também a intercessão de Nossa Senhora Mãe de todos os homens e de Pai Américo.

Começámos por dar uma volta às oficinas. Apretchamento, responsabilidade, aproveitamento do tempo, perfeição no trabalho, acatamento de directrizes, economia de materiais, cada um no seu lugar.

Depois entrámos nas cozinhas. A confecção dos alimentos, o aproveitamento do gás, a limpeza do fogão a lenha e das panelas, o lavar da louça na copa, o arrumo das cozinhas, o asselo das roupas, aventais e mãos dos que são daquelas obrigações, a consciência de que somos pobres e sujeitos a muitas limitações.

Passámos à sala de costura e rouparia. Toda a roupa lavada pelo menos semanalmente, mudança de almofadas e dum dos lençóis ao fazer da cama em cada domingo. Seguimos para os dormitórios. O fazer da cama de cada um, arrumo das mesinhas de cabeceira, as malas no lugar próprio, pés bem lavados antes de deitar e cara e pescoço e orelhas bem limpos logo de manhã.

E entrámos nos currais e caipoelas. Tratamento dos animais que são a grande fonte

da nossa alimentação, limpeza, aproveitamento dos estrumes para a nitreira, o abuso com os palheiros, o leite das vacas, os ovos das galinhas.

Continuámos quinta fora. A quinta é o grande suporte da nossa economia. Tiramos dela quase tudo o que comemos e ninguém de fora nos vem fazer o trabalho; o nosso vinho é delicioso; as batatas chegaram para todas as refeições; todos gostamos muito do nosso azeite que vai remediando; as galinhas poedeiras são tratadas com rações de verdura e os ovos são muito gostosos; a alface é abundante (e tão tenrinha!); os tomateiros já estão carregadinhos de flor; o tempo não tem corrido muito bem para as árvores de fruto; as sementeiras estão prontas e vão exigir muitas horas extraordinárias de trabalho.

Já não conseguimos entrar na Capela porque o dia chegou ao fim. Lá iremos na próxima reunião.

Alguns dos rapazes estiveram sempre activos. Outros preferiram ficar na já célebre «maioria silenciosa». Reunimo-nos à procura de novas platas para melhor seguirmos nossa caminhada. Eu acredito na eficácia das nossas reuniões, quando as fazemos com sinceridade. Dando cada um aquilo de que é capaz, chegamos ao fim sempre muito enriquecidos.

Um de vós chamou a atenção para a preguiça intelectual: não querer pensar, não querer ler, não querer o que é melhor, mas só o mais agradável — não querer construir-se.

Outro recordou as palavras e atitudes de costas e apelou para que cada um seja capaz de viver sempre voltado de frente para todos.

E todos nos deitámos em paz e confiança. Esta noite dormi um bom sono.

Padre Horácio

ESCLARECIMENTO

Uma estimada leitora da Foz do Douro desabafa:

«Envio, ao mesmo tempo que esta carta, um vale para pagamento da minha assinatura de O GAIATO e de um livro da vossa Editorial.

Nunca sei a quem dirigir estes vales e, por isso, o venho incomodar! Se for possível, escrevam em O GAIATO como devem ser dirigidos vales ou correspondência...»

Merece o devido esclarecimento. De vez em quando surgem cartas deste teor. Toda a correspondência e vales do correio deverão ser remetidos ao Jornal O GAIATO ou à Casa do Galato — Paço de Sousa. E quem diz Paço de Sousa, diz qualquer outra das nossas Casas. Os vales, porém, serão sempre acompanhados de uma carta ou postal; a não ser que façam uso das duas linhas insertas no verso de cada um.

Júlio Mendes

Festas

LISBOA — Em vésperas de Festa, este apontamento serve para vos informar da maneira como decorreram, e ainda decorrem os ensaios. O elenco, apesar de várias contrariedades (escolas, oficinas, etc.), é vasto.

E maior seria se satisfizéssemos todos os pedidos que me são feitos pelos não convocados. Alguns terão que ficar de fora. Nem todos terão oportunidade de pisar o palco. Mas isso não impede que possam contribuir para o bom sucesso do programa. Nos bastidores também se faz muita coisa sob o anonimato. Aliás, queremos ser todos anónimos.

A entrega é praticamente total para que tudo possa resultar da melhor maneira, para um resultado artístico positivo. E quanto melhor for interpretado aquilo que concebemos, maior será o efeito e melhor alcançado o nosso objectivo.

No programa fazemos uma

chamada de atenção para alguns problemas que, desde há muito, afligem a nossa sociedade e para os quais desejamos ardentemente uma solução que não descortinamos a curto prazo.

Nós vamos, uma vez mais, tocar nas feridas. Uma vez a brincar (rir), outras vezes falando a sério. Sará-las é obrigação de todos nós, sociedade (termo tão maltratado...). Mas a maior obrigação caberá àqueles que contribuíram para este estado de coisas... Aliás, alguma coisa vamos fazendo...

Bem, é tempo de apurar. De dar os últimos retoques. Por ora basta. Venham assistir à nossa Festa e desculpem-nos as possíveis «barracas».

Amanhã, dia 19, às 11 h da manhã, contamos convosco no Monumental.

Jorge

19 de Junho — MONUMENTAL, Lisboa (11 h.)

24 » » — Cine-Teatro Luisa Todi SETÚBAL (21,30 h.)

25 » » — Soc. Filarmónica Palmelense «Os Loureiros» — PALMELA (21 h.)

26 » » — Soc. de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO (21 h.)

Bilhetes à venda nas bilheteiras



Director: Padre Carlos Galamba — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa